



O MOSAICO DE RIOS: HISTÓRIAS DE LESBIANIDADES

Ana Gabriela Pio Pereira¹
Paulo César Garcia²

Resumo: Em mais de quarenta títulos publicados, Cassandra Rios deu vida a personagens com características muito distintas. Essas personagens, quase que invariavelmente protagonistas, distinguiram-se pelos mais diversos fatores. Os principais estavam relacionados à idade, aos costumes, às condições socioeconômicas, e, sobretudo, à opção por singularizar os modos de viver a lesbianidade. Tomando como ponto de partida essa constatação, este trabalho pretende investigar as representações de lesbianidades construídas em um dos mais populares romances de Rios: *As traças*, publicado, possivelmente, em 1975. A questão proposta é discutida por meio da análise da performance de três personagens – Andréa, Berenice e Rosana –, mulheres que, de formas particulares, conheceram e viveram o erotismo entre iguais.

Palavras-chave: Cassandra Rios, lesbianidades, literatura, representação

As primeiras impressões decorrentes da leitura de *As traças* (1975)³, romance escrito por Cassandra Rios, levam à convicção de que se está diante de um manual⁴ sobre lesbianidade, no qual uma voz narrativa persistente empenha-se na construção de uma representação não estigmatizada para as mulheres que vivenciam experiências afetivas e eróticas com outras mulheres.

Em uma cultura que concebe a homossexualidade como degeneração do indivíduo, a literatura de Rios faz-se um instrumento importante no sentido de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB DEDC II Alagoinhas-BA. Projeto de Pesquisa com Bolsa da CAPES. E-mail: anagabriela.pereira@yahoo.com.br

² Professor-Orientador. E-mail: p.garcia@terra.com.br

³ Há divergências acerca da data de publicação do romance. Em alguns trabalhos, aponta-se o ano de 1975 como o ano de lançamento. Em outros, a referência é feita ao ano de 1981. Devido à censura e à clandestinidade a que foi submetida a obra da autora, tem-se dificuldades de precisar as informações.

⁴ O termo “manual” é usado por Rick Santos, na apresentação crítica da última edição do romance, para evidenciar o desejo de instruir seus/as leitores/as presente na obra.

reivindicar uma representação isenta de toda uma conotação negativa historicamente constituída e atribuída a determinados sujeitos.

Este desejo conduz toda a movimentação das personagens de *As traças*. Ambientado em uma escola secundarista da capital paulista dos anos 1970⁵, o romance traz uma variedade interessante de tipos lesbianos. Tipos que, não esporadicamente, estão em oposição, configurando um estado constante de tensão no universo da narrativa.

Três personagens podem ser destacadas objetivando demonstrar como esse processo se desenrola no texto. Trata-se das protagonistas Andréa e Berenice, e de Rosana, personagem que tem um papel secundário na obra.

As traças: uma imagem da trajetória das personagens

É a partir da personagem Andréa que adentramos e transitamos no texto, pois, por sua ótica dos acontecimentos, somos conduzidos durante toda a narrativa. Andréa é uma adolescente, oriunda de uma família de classe média, que se apaixona por uma de suas professoras, D. Berenice. Ao se perceber envolvida e seduzida pela figura da mestre, a jovem acredita que, finalmente, estaria acontecendo algo que “a vida inteira pressentiu” e que, de certa forma, “temia aclarar-se”. “A disposição da natureza. A noção final do que era: lésbica”. (RIOS, 2005, p. 48).

Essa sensação, *o temor* inicial, não pode, entretanto, ser interpretada como aversão ou repúdio à homossexualidade. É apenas a angústia de uma adolescente que, ao identificar-se diferente de um modelo hegemônico, culturalmente eleito como natural, julga-se sozinha em um universo até então ignorado e, diversas vezes, descrito como sujo, promíscuo e perigoso.

Diante disso, a personagem se propõe a examinar os constructos discursivos acerca da homossexualidade. A juventude e a inexperiência permitem que ela se lance, sem quaisquer receios, numa investigação, numa busca insaciável por informações acerca do assunto. Esse esforço coloca Andréa na condição de leitora de uma cultura

⁵. Não há na narrativa uma referência direta à década retratada. No entanto, o comportamento liberal de algumas personagens, o acesso a bens de consumo, dentre outras questões, nos levam a supor que o contexto narrado no romance corresponde à década de 1970

que, conforme denunciou Foucault (1988), produziu sexualidades periféricas e transformou o homossexual em uma espécie.

É desse lugar de leitora da cultura que a personagem pode, também, produzir uma crítica a essa cultura. Suas investigações trazem à tona uma série de textos, oriundos sobretudo da literatura médica, que se empenhavam em explicar as causas da homossexualidade. A recorrência da classificação da homossexualidade como patologia, verificada nesses textos, provoca indignação na adolescente. Andréa, então, concluiu que a condição marginal das lesbianas⁶ era produto de discursos engendrados no seio da cultura e da sociedade.

Por quê? Procurava explicações em leituras e não se contentava com nenhuma. (...) Que absurdos supunham e procuravam inculcar para determinar a causa. Seguramente, eram todas teorias falhas. Estava ali, com sua inteligência e raciocínio, capaz de provar que não se tratava absolutamente de nenhum distúrbio glandular ou hormonal, psicose, neurose, anomalia proveniente de traumas psicológicos, complexos ou vícios adquiridos na infância. Variante erótica, sim, uma terceira alma, essencialmente feminina, com disposição à atração por pessoas do mesmo sexo, sem influência de nenhuma característica do sexo oposto. (RIOS, 2005, p.81)

É interessante perceber que Andréa se deu conta do contexto discursivo no qual estava inserida. Há um significativo avanço no sentido de afirmar que a noção de homossexualidade veiculada à sua época era produto de discursos que se incumbiram, desde o século XIX, de descrever, de moldar, de produzir um sujeito, desde a sua gênese, inscrito fora dos limites da legitimidade do casal heterossexual. Ao analisar a história da sexualidade na sociedade ocidental, Foucault (1998) demonstra como esses discursos começam a ser engendrados.

[...] a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais “incompletas”; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao “desenvolvimento” e às “perturbações” do instinto; empreendeu uma gestão de todos eles. (p. 48)

A esse respeito, da homossexualidade ser um constructo discursivo, Foucault acrescenta, ainda, outra questão.

[...] o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar de si mesma, a reivindicar sua

⁶ Consultar *O que é lesbianismo*, de Tânia Navarro-Swan (2004) sobre a utilização do termo.

legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 1988, p. 112)

É no sentido de um discurso de reação que a obra *As traças* pode ser concebida. Ao garantir às lesbianas uma existência ficcional como protagonistas (Piovezan, 2005), o texto assegura a essas mulheres o direito de produzir narrativas de suas experiências e de seus modos de vida, em uma sociedade marcada pela fobia às formas de amor não heterossexuais.

Se, ao identificar e questionar os constructos sobre a homossexualidade feminina, Andréa assume uma função crítica na narrativa, Rosana oferece um modo de fala alternativo. É ela quem leva Andréa, e os/as leitores/as, para *conhecer o mundo, o nosso mundo*⁷. Rosana apresenta à protagonista lugares como bares, boates e restaurantes, frequentados, como ela mesma sugere, homogeneamente pela classe homossexual. (Rios, 2005, p. 145)

A experiente colega de classe de Andréa, além de frequentadora de guetos da capital de São Paulo, é, também, conhecedora de uma diversidade de tipos lesbianos. Tipos esses que Andréa jamais supusera existir e que lhe despertaram, à primeira vista, repulsa.

Andréa apontou um tipo avantajado que bloqueava o caminho, ombros largos, mãos metidas nos bolsos, cabelos até os ombros, braços por sobre os ombros de uma jovem esguia de saia longa:

- É homem? Ou o quê?

- São duas mulheres. São “caso”. O “pai” e a lady.

[...]

-Rosana, vamos embora, isso é o fim do mundo. Essas mulheres assim vestidas, andando desse jeito, o que pensam? Que são homens? Aquela grandalhona parece chofer de caminhão. Meus Deus, será que não sabem ser lésbicas sem imitar homem? (RIOS, 2005, p.150)

A aversão da protagonista às lesbianas masculinizadas é notória. A voz de Andréa não corresponde, apenas, à manifestação de uma adolescente assustada, mas, principalmente, a um arroubo de intolerância. Retomaremos mais adiante essa questão. No momento, é necessário que continuemos a investigar as representações de lesbianidades visibilizadas no texto de Rios.

Nesse sentido, faz-se necessário, ainda, apresentar a segunda protagonista de *As traças*. Berenice é a professora de História, da classe na qual estudam Andréa e Rosana.

⁷ Referência da personagem a guetos lesbianos.

As atitudes da mestre contrastam com a sua condição, tornando-a, muitas vezes, incoerente. Mulher madura e experiente, competente no exercício da profissão, Berenice parece, contraditoriamente, não se preocupar com questões éticas e morais. No próprio ambiente de trabalho, utilizando-se do poder que a posição lhe atribui, desenvolve jogos de sedução com as alunas. A narrativa evidencia que a personagem não resistia aos brotinhos⁸ e se utilizava da habilidade de seduzir para alimentar a própria vaidade.

Segura de seus atributos, de sua competência na arte de sedução, do fascínio que exercia, Berenice parecia se divertir com a conquista de mulheres. Essas informações, entretanto, não são confirmadas pela personagem no decorrer do romance. Aliás, quase tudo a que temos acesso sobre Berenice é decorrente dos mexericos entre Andréa e suas colegas de classe. A mestre raramente utiliza a palavra para falar de si. Em torno de Berenice construiu-se uma aura de silêncio e de dúvidas.

As lesbianidades em trânsito

Como foi demonstrado anteriormente, a narrativa tem como objetivo dar visibilidade às lesbianas e aos seus modos de vida. As personagens de *As traças*, ao mesmo tempo que transcrevem seus desejos e suas formas singulares de vivê-los, vão, também, desenhando modelos distintos de lesbianidades. Esses modelos ficam evidentes quando nos dedicamos à análise da construção de tipos no romance.

O primeiro tipo apresentado na obra é a protagonista Andréa. Ela, ao mesmo tempo em que recebe de sua família uma educação norteada por princípios tradicionalistas, é incentivada a se tornar uma mulher independente: prepara-se para o exercício de uma profissão prestigiada socialmente; tem promessa para, quando atingir a maioridade, dirigir; tem à disposição todas as condições para se tornar uma pessoa intelectualmente privilegiada.

Se do ponto de vista intelectual, Andréa se diferenciava de grande parte das mulheres de sua época⁹ - que eram educadas para o matrimônio e para a maternidade (COSTA & SARDENBERG, 2008) -, do ponto de vista de suas expectativas com

⁸ Termo utilizado na década de 1970 para fazer referência a mulheres jovens, ainda adolescentes, portadoras de atributos físicos destacáveis.

⁹ O contexto do romance é, possivelmente, a década de 1970. A narrativa não traz informações que possam precisar essa questão.

relação ao amor, muito se assemelhava. Andréa é uma personagem que, em muitos aspectos, dialoga com as heroínas românticas do século XIX. É idealista e honesta, tem princípios muito bem definidos, é dotada de uma beleza incomparável e de atributos incomuns.

Andréa não era vaidosa ao extremo, apenas sabia se distinguir dentre as outras, reconhecer quando era a mais bonita, quando a cobiçavam e invejavam. (...) Sabia que podia se impor, se quisesse; que um dos atributos, que ajudava noventa e nove por cento, era sua beleza física. Não uma beleza apenas estética, mas bem dosada de simpatia e graça, de sensualidade e atração, de simplicidade e um certo quê de mistério, de comunicabilidade e, ao mesmo tempo, de caráter excêntrico e fechado. Andréa realmente tinha nos traços a perfeição das proporções e do colorido, do som e da força do seu intelecto. (p. 32)

A estudante, como pressupõe o seu romantismo, cultivava valores que aproximam o relacionamento entre homossexuais ao modelo que simboliza a união heterossexual tradicionalista: o casamento monogâmico. O relacionamento ideal, na sua concepção, deveria ser pautado na fidelidade entre as parceiras. Seria leviano, portanto, o amor que não obedecesse a essa dinâmica.

Seria a motivação, mas dona Berenice não merecia. Era vulgar. Andara com Bárbara, a qual analisou como boçal, sem graça, pegajosa. Não era ciúme ou uma frustração pela descoberta de que jamais seria a única, se conseguisse entrar na vida de Berenice, mas um desencanto. (Rios, 2005, p. 44)

A impossibilidade de consumir o ideal romântico se converte em autoflagelação. Assim, o sofrimento provocado pela incerteza da reciprocidade do sentimento de Berenice – principalmente por conta dos rumores de infidelidade da professora – fragiliza Andréa de tal forma que, como estratégia de fuga, ela recorre ao consumo de substâncias ilícitas. O resultado é a dependência química que quase a leva à morte. Além disso, a protagonista, com a intenção de se vingar da amante, em alguns momentos cede às investidas de Rosana, reproduzindo o comportamento que outrora abominara.

Poderíamos, então, traçar o seguinte esquema para a representação da performance lesbiana da personagem Andréa: ela cultivava aparência, trejeitos e modos do socialmente convencionado como feminino; espera uma relação amorosa nos moldes tradicionais; se lança a um sofrimento incomensurável e inconsequente, a ponto de arriscar a própria vida, por conta de um amor.

Em oposição a esse ideal está a performance de Rosana. Sua própria aparência física – acessível, voltamos a enfatizar, a partir da narração e das impressões da protagonista –, já demonstra o quanto a personagem não correspondia ao modelo de lesbianidade defendido por Andréa.

Andréa reparou nos cabelos curtos, cortados bem rentes, a voz pausada e insinuante, o olhar revelador. O tipo. O protótipo. Igual a muitas que havia despertado sua curiosidade ao cruzar com elas na rua, num cinema, num teatro, numa identificação inegável da índole oculta. Ativa. Sem medo. Estabelecida no que era, para viver e fazer o que bem entendesse, sem se importar com as indagações dos menos dotados de solidariedade humana. Por isso estava se dirigindo a ela cordialmente, numa tentativa capciosa de estreitar relações, com propósito que, no olhar, ela transmitia, querendo uma resposta. (p. 27)

É notório que Rosana representa a lesbiana masculinizada, cuja performance imita o modelo tido como próprio do masculino. Apaixonada por Andréa, está constantemente à sua disposição, esperançosa de conseguir conquistá-la. Também é romântica, mas seu romantismo contempla atitudes esperadas para o gênero masculino¹⁰: para o carro em frente à janela do quarto de Andréa e fica por horas em estado de contemplação, desejando uma simples aparição da amada; dirige de forma imprudente, fazendo manobras radicais, com intuito de exibir-se; concorre com os rapazes na conquista de garotas e, muitas vezes, acaba ganhando. Rosana se encaixa na tipologia de lesbianismo mais socialmente difundida. Aquela segundo a qual o “tipo mais característico seria o da mulher macho, paraíba, sapata, fanchona, caminhoneira, butch, dyke, identificada por um mimetismo das atitudes e maneiras masculinas” (Navarro-Swain, 2004, p. 80).

Se Rosana e Andréa correspondem a tipos distintos, opostos em certo sentido, o que dizer da professora Berenice? Sabe-se que ela é uma mulher mais velha, que tem atributos físicos inquestionáveis. É sedutora, ativa, segura.

Cabelos negros. Sobrancelhas bem feitas, dois riscos fortes sobre uns olhos perfurantes, de expressividade franca. Nariz reto, traços proporcionais, formando um rosto bonito e exótico. Boca rasgada, num corte firme, de lábios acentuados, queixo ligeiramente quadrado. O porte elegante num perfeito alinhamento do pescoço com os ombros e os braços bem torneados. Seios firmes. (...) Tinha beleza pela proporção. Pôde reparar nas coxas, marcando-se sob o avental entreaberto, elemento estético de sua figura ativa, envolvida por uma sombra estranha que a fazia diferente de todas as outras mulheres. O tom da voz, o modo de olhar, tudo natural. (Rios, 2005, p. 26)

¹⁰ Referimo-nos, aqui, do ponto de vista da construção dos papéis social de gênero.

Enquanto profissional, Berenice é muito respeitada. Assume posição de destaque no colégio e tem uma carreira consolidada. Em virtude de qualidades como simpatia, liderança, dinamismo, é, também, adorada pelos alunos.

A estabilidade da vida profissional, no entanto, não se estende à vida pessoal. Em suas investigações, Andréa descobre que Berenice mantém um relacionamento consolidado com uma professora da escola (*seu caso*) e que é noiva de um homem. A esses fatos, acrescenta-se o envolvimento sexual com alunas, como acontece com a própria adolescente. Ou seja, diferente das outras personagens, que sustentam um ideal de fidelidade, Berenice é infiel. E o é por opção, por prazer.

Ela vivia! Simplesmente. De acordo com os seus gostos e vontades, e sua personalidade era só aparência. Não haveria luta nem sofrimento, se quisesse tê-la. Ela viria com a mesma facilidade com que fora para Bárbara. Só assim poderia explicar o fato e o modo como Bárbara tocara no assunto. (RIOS, 2005, p.44)

Em um momento de descontrole emocional, Andréa chega a gritar para si mesma que Berenice é uma *perversa*, produzindo no/a leitor/a a impressão de que a professora é uma figura que desconhece limites, contornos e restrições.

Muito pouco, no entanto, se pode confirmar sobre as práticas sexuais da mestre. Suas escassas falas dificultam qualquer veredicto. Se em alguns momentos faz promessas que parecem vãs, em outros, suas falas são bastante convincentes. No leito de amor, ela faz juras, promete fidelidade, desmente os comentários acerca de suas aventuras, mas as dúvidas não são dissipadas. É uma personagem construída para provocar incertezas. A seu respeito, tudo é escorregadio, ambíguo, instável.

As descrições dos três tipos lesbianos mais evidentes em *As traças* nos leva a considerar que existe uma relação hierárquica entre as personagens do romance. Andréa seria o modelo, o ideal, a que a própria narrativa intitula “genuinamente homossexual”. Rosana representaria as lesbianas desajustadas, pois, mulheres como ela, “não sabem ser lésbicas sem imitar homens”. (Rios, 2005, p.150). E Berenice é a representação da perversa.

Se tal constatação pode levar a supor – o que, por certo, não negamos – que o texto de Rios tenta estabelecer um modelo de representação passível de ser *tolerado* socialmente, e a hierarquia entre as performances, com a conseqüente desvalorização de

alguns tipos, comprova isso; por outro, a relação entre Andréa e Berenice não deixa de suscitar questões curiosas.

No contexto da obra, Berenice viola e transgride as leis da racionalidade. Ela é uma personagem maldita (Bataille, 1989). Sua razão é o seu desejo, a sua própria vontade, o seu instinto. Como conceber então que Andréa, do seu lugar de quem julga, critica, estabelece normas, fala em nome da razão, a tenha como objeto de desejo? Ou ainda, como conceber o processo de autodestruição de Andréa, visto ser este motivado pela impossibilidade de se desvencilhar do desejo por Berenice?

Talvez o texto de Rios apresente um paradoxo. Andréa, ao mesmo tempo que se propõe a defender uma representação de lesbianidade desejável do ponto de vista de uma política de reconhecimento – livre da associação a distúrbios orgânicos ou psíquicos -, aprecia uma imagem que vai de encontro a essa política. A intensidade do desejo por Berenice, que representa a perversão, leva a jovem a “perder a razão” e a submeter o próprio corpo a um processo de degradação, com o intuito de saciar seus desejos. Percebemos, assim, que a razão é suplantada por um desejo de perversão, que passa a motivar todas as ações de Andréa.

Essas constatações podem, ainda, permitir conjecturar que a personagem Andréa não suporta a missão de sustentar a imagem da “homossexual genuína”, defendida por sua performance inicial. A hipótese é que a jovem se dá conta de que a manutenção de uma forma de representação positiva corresponde, de certa forma, a uma perda de liberdade, pois se a representação, por um lado, é uma estratégia que visa garantir visibilidade e legitimidade; por outro, “é uma função normativa de uma linguagem” (Butler, 2008) que, inevitavelmente, molda indivíduos.

Diante do exposto, talvez possamos afirmar que o paradoxo exerce um papel fundamental na trama, pois é a chave para uma leitura crítica das representações de lesbianidades evidenciadas no romance. Ele é o elemento que nos permite questionar a própria legitimidade da voz da protagonista que, numa relação muito íntima com o narrador, cria relações hierárquicas na obra.

Considerações finais

As representações de lesbianidade que aparecem em *As traças* – a romântica, a masculinizada e a pervertida – carregam a marca da história de vida e das concepções de Andréa, uma das protagonistas.

É a partir do ponto de vista da adolescente que, enquanto leitores, conhecemos as outras personagens. Muitas vezes, as informações são provenientes não de fatos concretos, mas de suas impressões acerca das pessoas ou dos acontecimentos, ou ainda, de mexericos juvenis.

Num primeiro momento, o objetivo da apresentação dessas formas diversas de lesbianidade parece estar voltado para o convencimento do/a leitor/a de que existe uma fórmula, um modelo ideal de ser lesbiana. A própria obra, no entanto, produz meios de nos fazer questionar essa percepção.

É nesse ponto que o texto de Rios se faz rico. Quando demonstra o processo de construção de um discurso acerca da lesbianidade e, ao mesmo tempo, oferece uma possibilidade, uma ferramenta para desmontagem desses discursos.

Referências

ANDRADE, Giana Franco de. *A des(construção) do sujeito na Obra As Traças de Cassandra Rios*. Disponível em www.webartigos.com/articles/62214/1/A-desconstrucao-do-sujeito-na-Obra-as-Tracas-de-Cassandra-Rios/pagina1.html. acessado em 14/07/2011.

BATAILLE, Georges. *A Literatura e o Mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

COSTA, Ana Alice Alcântara e SARDENBERG, Cecília Maria B. *O feminismo no Brasil: Reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA/NEIM, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria. Identidade nacional e identidade cultural. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário*. Textos de História, Brasília: UNB, v. 8, n. 1, p. 47-85.

PIOVEZAN, Adriane. *Amor romântico x deleite dos sentidos: Cassandra Rios e a identidade homoerótica feminina na Literatura (1948-1972)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2005.

RIOS, Cassandra. *As traças*. Org. Rick J. Santos. São Paulo: Brasiliense, 2005.